

O INGLÊS MAQUINISTA

Peça de um ato de Martins Pena

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PERSONAGENS :

- CLEMÊNCIA
- MARIQUINHA, sua filha
- FELÍCIO, sobrinho de Clemência
- GAIHER, inglês
- NEGREIRO, negro ciante de negros novos
- EUPRÁSIA
- CECÍLIA, sua filha
- JOÃO DO AMARAL
- ALBERTO
- A MÁQUINA

S.S.A.T.
Peça liberada exclusivamente para
GRAL
e para fins de Concurso. Sua apre-
sentação em teatro, rádio, televisão,
e outros meios de comunicação, depen-
de do pagamento prévio dos direitos
autorais.
P. Alegre, 2 de
9 de Junho de 1969

MÁQUINA - Eu sou a máquina. E este é o inglês maquinista!
AO LEVANTAR O PANO, VER-SE-Á CLEMÊNCIA E MARIQUINHA SENTADAS NO SOPÁ.
EM UMA CADEIRA JUNTO DESTAS, NEGREIRO, E REPOSTADO SOBRE UMA MESA FE-
LÍCIO, QUE LÊ O JORNAL DO COMÉRCIO E LEVANTA ÀS VÊZES OS OLHOS COMO OB-
SERVANDO NEGREIRO.

FELÍCIO - (COM IMPACIÊNCIA) Irra, já aborrece!

CLEMÊNCIA- O que é ?

FELÍCIO - Tôdas as vêzes que pego neste jornal, a primeira coisa que vejo é: "Chapas m edicinais e Unguento Durand". Que embir - ração!

NEGREIRO - Oh, oh, oh!

CLEMÊNCIA- Por mim, se não fossem os colchetins, não lia o Jornal. O úl- timo era bem bonito. O senhor não leu ?

NEGREIRO - Eu ? Nada. Não gasto o meu tempo com essas ninharias, que são só boas para as moças.

**IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS**

FELÍCIO - Sr. Negreiro, a q uem pertence o brigue Veloz Espadarte, aprisionado ontem junto quase da portaleza de Santa Cruz pelo cru- zeiro inglês, por ter a seu bordo trezentos africanos ?

NEGREIRO - A um pobre diabo que está quase maluco... Mas é bem ceito pa- ra não ser tólo. Quem é que nesse tempo manda entrar pela bar- ra um navio com semelhante cargação? Só um pedaço de asno. Há por aí além uma costa tão longa e umas autoridades tão con- descendentes

FELÍCIO - Condescendentes porque se esqueçam de seu dever



NEGREIRO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 335
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Dever? Perdoo que lhe diga: ainda está muito moço ... Ora, suponha que chega um navio carregado de africanos e derlv a em uma dessas praias, e que o capitão vai dar parte disso ao juiz do lugar. O que há de este fazer, se cor homem cordato e de juízo? Responder do modo seguinte: - Sim senhor, Sr. Capitão, pode contar com a minha proteção, contanto que V. Sa. ... Não sei se me entende? Suponha agora que este juiz é um homem esturrado, destes que não sabem sonda têm a cara e que vivem no mundo por verem os outros viverem, e que ouvindo o capitão, responda- lhe com quatro pedrag na mão: não senhor, não consinto! Isto é uma incame ineração da lei e o senhor insulta-me fazendo semelhante proposta! - E que depois deste aranzel de asneiras pega na pena e oficia ao governo. O que lhe acontece? Responda.

FELÍCIO - Acontece o ficar na conta de íntegro juiz e homem de bem.

NEGREIRO - Engana-se: rica na conta de pobre, que é menos que pouca coisa. E no entanto vão os negrinhos para um depósito, a fim de serem ao depois distribuídos por aqueles de quem mais se depende, ou que têm maiores empenhos. Calemo-nos, porém, que isto vai longe.

FELÍCIO - Tem razão! (PASSA PELA SAIA)

NEGREIRO - (PARA CLEMÊNCIA) Daqui a alguns anos mais falará de outro modo.

CLEMÊNCIA - Deixe-o falar. A propósito, já lhe mostrei o meu meia-cara, que recebi ontem na Casa de Correção?

NEGREIRO - Pois recebeu um?

CLEMÊNCIA - Recebi, sim. Empenhei-me com minha comadre, minha comadre empenhou-se com a mulher do desembarcador, a mulher do desembarcador pediu ao marido, este pediu a um deputado, o deputado ao ministro e fui servida.

NEGREIRO - Oh, oh, chama-se isto transação! Oh, oh!

CLEMÊNCIA - Seja lá o que for; agora que o tenho em casa, ninguém me arrancará. Morrenão-me outro escravo, digo que foi ele.

FELÍCIO - E minha tia precisava deste escravo, tendo já tantos?

CLEMÊNCIA - Tantos? Quanto mais, melhor. Ainda eu tomei um só! E os que tomam aos vinte e aos trinta? Deixa-te disso, rapaz. Venha vê-lo, Sr. Negreir o. (SAEM)

MÁQUINA - A cidade é o Rio de Janeiro, conhecida pelo que tem de viciosa e decadente.

FELÍCIO - Cuviste, prima? Como pensa este homem que tende casar-te?

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS

MARIQUINHA - Casar-me com ele? Oh, não! Morrerei antes

FELÍCIO - No entanto é um casamento vantajoso. Ele é imensamente rico ... atropelando as leis, é verdade, mas que importa? Quando fores tua mulher ...

MARIQUINHA - E é você quem me diz isso? Quem me faz essa injustiça? Assim são os homens, sempre ingratos!



FELÍCIO - Meu amor, perdoo. O temor de perder-te faz-me injustiça em saber quanto eu te adoro; mas tu és rica e eu, um pobre empregado público; e tua mãe jamais consentirá em nosso casamento, pois supõe casar-te feliz dando-te um marido rico.

MARIQUINHA - Meu Deus!

- FELÍCIO** - Ah, não! Ele terá a inda que lutar comigo! Se supõe que a fortuna que tem adq uirido com o contrabando de americano s há de tudo vencer, engana-se! A inteligência e o ardíl, As vezes pode mais que a riqueza.
- MARIQUINHA**- O que pode você fazer ? Seremos sempre infelizes!
- FELÍCIO** - Talvez que não. Sei que a emprêza é difícil. Se êle te ama se seria mais fácil acastá-lo de ti; porém êle ama o teu dote, e desta quali dade de gente arrancar um vintém é o mes mo que arrancar a alma do corpo ... Mas não importa.
- MARIQUINHA**- Não vá fazer alguma cousa com que mamã se zangue e fique mal com você ...
- FELÍCIO** - Não, descansa. A luta há de ser longa, pois que não é este o único inimigo. As assiduidades daquele maldito Gainer já também me inquietam. Veremos... E se for preciso... Mas não eles se entredestruião; o meu plano não pode falhar.
- MARIQUINHA**- Veja o que faz. Eu lhe amo, não me envergonho de o dizer . Porém, se for preciso para a nossa união que você faça alguma ação que ...
- FELÍCIO** - Compreendo o que queres dizer ... Tranquiliza-te.
- MARIQUINHA**- (RESPONDENDO PRA DENTRO) Já vou. Tuas palavras animaram-me.
- VOZ** - Ande, mana.
- MARIQUINHA**- Que impertinência !
- MÁQUINA** - Logo êles conversarão ...
- FELÍCIO** - Não te aflijas, tud o se arranjará.
- MÁQUINA** - Quanto êle a ama ! Dois rivais ! Um negociante de meia-cara e um especulador... Belo par ! Ânimo ! Comecem-se hoje as hostilidades. Veremos, meus senhores, veremos ! Um de vós sairá corrido desta casa pelo outro, e um só ficará para Felício... se ficar ...
- CENA II** GAINER, CLEMÊNCIA, MARIQUINHA E NEGREIRO
- CLEMÊNCIA** - Oh, o Sr. Gainer por cá !
- GAINER** - Vem fazer meu visita.
- CLEMÊNCIA** - Muito obrigada. Há dias que não o vejo.
- GAINER** - Tenha estado muita ocupado.
- NEGREIRO** - (COM IRONIA) Sem dúvida com algum projeto ?
- GAINER** - Sim. Estou redigindo um requerimento para as deputados.
- FELÍCIO** - Sem indiscrição. Não poderemos saber ...
- GAINER** - Pois não ! Eu peço na requerimento um privilégio por trinta anos para fazer açúcar de osso.
- TODOS** - Açúcar de osso !
- NEGREIRO** - Isto deve ser bom ! Oh, oh, oh !
- CLEMÊNCIA** - Mas como é isto ?
- MÁQUINA** - Velhaco !

IMPROPRIO
ATÉ 10 ANOS



GAINER - Eu explico e mostra... Até nesta tempo não se tem muito caso das osso, estuindo-se grande quantidade delas, e eu agora faz desses osso açucar superfina ...

MÁQUINA - Desta vez desacreditam-se as canas.

NEGREIRO - Continúe, continúe.

GAINER - Nenhuma pessoa mais planta cana quando souberem da minha mé todo.

CLEMÊNCIA - Mas os ossos pla ntam-se ?

GAINER - (MEIO DESCOFIADO) Não senhor.

MÁQUINA - Ah, percebo ! Espremem-se. (GAINER PICA INDIGNADO)

EUPRÁSIA - (ENTRANDO) Dá li cença, comadre ?

CLEMÊNCIA - Venham se assentar.

JOÃO - Não podemos ficar muito tempo.

CLEMÊNCIA - Já o senhor principia com suas impertinências. Assentem-se.

JOÃO - Não pode ser.

CLEMÊNCIA - Deixe-se disso. (BATENDO PALMAS) O' lá de dentro ?

JOÃO - Desculpe-me, tenha paciência.

EUPRÁSIA - Não, comadre.

CLEMÊNCIA - Aprontem o chá depressa.

JOÃO - Não pode ser. Muito obrigado.

FELÍCIO - Aonde vai com tanta pressa, minha senhora ?

EUPRÁSIA - Nós ?

JOÃO - (PARA FELÍCIO) Um pequeno negócio.

EUPRÁSIA - Vamos à casa de Da. Rita.

CLEMÊNCIA - Deixe-se de Da. Rita. Que vai lá fazer ?

EUPRÁSIA - Vamos pedir a ela para falar com a mulher do Ministro.

CLEMÊNCIA - Pra que ?

EUPRÁSIA - Nós ontem ouvimos dizer que se ia criar uma repartição nova e queríamos ver se arranjávamos um lugar para João.

FELÍCIO - (PARA JOÃO) Estimarei muito que seja atendido. É justiça que lhe fazem.

EUPRÁSIA - O senhor diz bem.

JOÃO - Sou empregado de repartição extinta; assim, é justo que me em puguem. Até mesmo é economia.

GAINER - Economia sim !

JOÃO - (PARA GAINER) Há muito tempo que me deviam ter enfiar ...

CLEMÊNCIA - Não se vê senão injustiças.

EUPRÁSIA - Comadre, passando de uma coisa pra outra: a costureira esteve

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



EUPRÁSIA - esteve cá hoje ?

CLEMÊNCIA - Esteve e me trouxe os vestidos novos.

EUPRÁSIA - Mande buscar

CECÍLIA - Sim, sim, mande-os buscar, madrinha.

MÁQUINA - Sim, sim, mande-os buscar, madrinha.

CLEMÊNCIA - (BATENDO PALMAS) Pulquéria !

CECÍLIA - (PARA MARIQUINHA) Quantos vestidos novos você mandou fazer ?

MARIQUINHA E CLEMÊNCIA - DOIS.

CLEMÊNCIA - Vai lá dentro no meu quarto de vestir, dentro do guarda-roupa à direita, tira os vestidos novos que vieram hoje. Olhe, não machuque os outros. Vai, anda !

CECÍLIA - (PARA MARIQUINHA) De que modo você mandou fazer os vestidos ?

MARIQUINHA - Diferentes e ...

JOÃO - (PARA FELÍCIO) Te mos maçada !

FELÍCIO - Estão as senhoras no seu geral !

CLEMÊNCIA - (MOSTRANDO OS VESTIDOS) Olhe !

CECÍLIA - Esta chita é bonita.

EUPRÁSIA - Olhe este riscadinho, menina.

CLEMÊNCIA - Pois custou bem barato. Comprei à porta.

CECÍLIA - Que feitio tão elegante ! Este é seu, não é ?

MARIQUINHA - É. Eu mesma é que dei o molde.

CLEMÊNCIA - São todos diferentes. Este é de costa lisa e este não.

CECÍLIA - Este há-de ficar bem.

CLEMÊNCIA - Muito bem. É uma luva.

MARIQUINHA - Já viu o feitio desta manga ?

CECÍLIA - É verdade, como é bonita ! Olhe, minha mãe.

EUPRÁSIA - São de pregas enviesadas.

MARIQUINHA - Este cabecão fica muito bem.

CECÍLIA - Tenho um assim.

EUPRÁSIA - Que roda !

MARIQUINHA - Assim é que eu gosto .

CLEMÊNCIA - E não levou muito caro.

EUPRÁSIA - Quanto ?

CLEMÊNCIA - A três mil réis.

EUPRÁSIA - Não é caro.

CECÍLIA - Parece seda esta chita.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CLEMÊNCIA - A Merenciana está cortando muito bem.

EURÁSIA - É assim.

CECÍLIA - Já não mandam fazer mais na casa das francesas ?

MARIQUINHA - Mandamos só os de sêda.

MÁQUINA - As francesas, além de francesas, são insuportáveis. Tomam todo o dinheiro da gente só para fazer um vestido. Um vestido.

CLEMÊNCIA - Não vale a pena ! Pedem tanto dinheiro ! (BARULHO DE LOUÇA QUE BRANCO) O que é isto lá dentro ? (VOZ DENTRO) Não é nada não, senhora) Nada ? O que é que se quebrou lá dentro ? Negras ! (VOZ: coi o cachorro) Estas minhas negras ! ... Com licença . (SÁI)

EURÁSIA - É tão descuidada e sta nossa gente !

JOÃO - É preciso ter paciência ... (RUIDOS) Aquela pagou caro ...

EURÁSIA - (GRITANDO) Comadre, não se aplija !

JOÃO - Se assim não fizer, nada tem.

CLEMÊNCIA - (AGITADÍSSIMA) Os senhores desculpem mas não se pode ... Ora vejam só ! poram aquelas desavergonhadas deixar mesmo na beira da mesa a salva com os copos pra o cachorro dar com tudo no chão ! Mas pagou-me !

EURÁSIA - Lá em casa é a mesma coisa. Ainda ontem a pamonha da minha Joana quebrou duas chécaras.

CLEMÊNCIA - Fazem-me perder a paciência.

MÁQUINA - Pobre senhora, são realmente insuportáveis êstes negros !

CLEMÊNCIA - Eu não gosto de dar pancadas. Porém, deixemo-nos disso agora. A comadre ainda não viu o meu americano ?

EURÁSIA - Não. Pois tem um ?

CLEMÊNCIA - Tenho. Venham ver. Deixem os vestidos aí que a rapariga vem buscar. Felício, diga ao senhor Mister que se quiser entrar não faça cerimônia .

GAINER - Muito obrigada.

CLEMÊNCIA - Então, com sua licença.

CENA III FELÍCIO E GAINER

FELÍCIO - Estou admirado ! Excelente idéia ! Bela e admirável máquina !

GAINER - (CONTENTE) Admirável, sim.

FELÍCIO - Deve dar muito interêsse.

GAINER - Muita interêsse o fabricante. Quando êste máquina acaba da, não precisa mais de cozinheira, de sapateiro e de muitas outras ofícias.

FELÍCIO - Então a máquina supre todos êsses ofícios ?

GAINER - Oh, sim ! Eu bota a máquina aquí no meio da sala, manda vir um boi, bota a boi na buraco da máquina e depois de meia hora sai por outra buraca da máquina tudo já feita.

FELÍCIO - Mas explique-me bem isto.



- GAINER - Olha. A carne do boi sai feita em beer, em roast-beer, em picandó e outras muitas; do couro sai sapatas, botas ...
- DELÍCIO - (MUITO SÉRIO) Envernizadas ?
- GAINER - Sim, também pode ser. Das chieras sai bolsinhas, pentes e cabos de facas; das ossas sai marcas ...
- DELÍCIO - Boa ocasião para aproveitar os ossos para o seu açúcar.
- GAINER - Sim, sim, também sai açúcar, balas da Pôrto, amêndoas.
- DELÍCIO - Que prodígio ! Estou maravilhado ! Quando pretende fazer trabalhar a máquina ?
- GAINER - Con-orne. falta a inda alguma dinheira. Eu queria fazer uma empréstima. Se o senhor quer fazer o seu capital render cinquenta por cento dá a mim para acabar a máquina, que trabalhe depois por nossa conta.
- DELÍCIO - Não sabe quanto sinto não ter dinheiro disponível. Que bela ocasião de tripliar, quadruplicar, quintuplicar, que digo, centuplicar o meu capital em pouco ! Ah !
- GAINER - (À PARTE) Destes tôlas eu quero muitas.
- DELÍCIO - Mas veja como os homens são máus. Chamarem ao senhor, que é o homem mais filantrópico e desinteressado e amicíssimo do Brasil, especulador de dinheiros alheios e outros nomes mais.
- GAINER - A mim chama especuladora ? A mim ? By God ! Quem é a atrevido que me dá esta nome ?
- DELÍCIO - É preciso, na verdade, muita paciência. Dizerem que o senhor está rico com espertezas !
- GAINER - Eu rica ! Que calúnia ! Eu rica ? Eu está pobre com minhas projetos para bem do Brasil.
- MÁQUINA - O bem do brasileiro é o estribilho destes malandros... (PARA GAINER) Pois não é isto que dizem. Muitos crêem que o senhor tem um grosso capital no Banco de Londres; e além disso, chamam-lhe de velhaca.
- GAINER - Velhaca, velhaca ! Eu quero mete uma bala nas miolos deste patia. Quem é estes que me chama velhaca ?
- DELÍCIO - Quem ? Eu lho digo : ainda ontem que o Negreiro assim disse.
- GAINER - Negreira disse ? O' que patia de meia-car ... Vai ensina êle ... êle me paga . Goddam !
- DELÍCIO - Se lhe dissesse tudo quanto êle tem dito ...
- GAINER - Não precisa dizer; basta chamar velhaca a mim pra eu mata êle. Oh, que patia de meia-cara ! Eu vai dizer ao commander do brigue Wizart que este patia é meia-cara pra segura nos navios dela. Velhaca ! Velhaca ! Goddam ! Eu vai mata êle ! Oh ! (SÁI DESESPERADO)
- MÁQUINA - Lá vai êle como um raio ! Se encontra o Negreiro, temos sal-sada. Que furor mostrou por lhe dizer que o chamavam de velhaca ! Deu-lhe na balda ! Vejamos no que dá tudo isto. Segui-lo ei de longe até que se encontre como Negreiro. Deve ser como se e encontro. Ah, ah, ah !

CENA IV GRCÍLIA E MARIQUINHA

MARIQUINHA - (ENTRANDO) É como eu te digo.



CECÍLIA - Tu não gostas nada dele ?

MARIQUINHA- Aborrece-me

CECÍLIA - Ora, deixa-te dis so. Ele não é rico ?

MARIQUINHA- Dizem que muito.

CECÍLIA - Pois então ? Casa -te com êle, tôla.

MARIQUINHA- Mas Cecília, tu sabes que eu amo o meu primo.

CECÍLIA - E o que tem isso ? Estou eu que amo a mais de um, e não perde-
ria um bom casamento como o que agora tens. É tão belo ter um
marido que nos dá carruagens, chácara, vestidos novos para to-
dos os bailes... Oh, que fortuna ! Já ia sendo feliz uma oca-
são. Um negociante, destes pé-de-boi, quis casar comigo, a
ponto de escrever-me uma carta, fazendo promessa; porém, logo
que soube que eu não tinha dote como êle pensava, sumiu-se e
nunca mais o ví.

MARIQUINHA- E nesse tempo ama vas alguém ?

CECÍLIA - Oh, se amava ! Não faço outra coisa todos os dias. Olha, ama-
va o filho da Da. Joana, aquêle tenente, amava aquêle que pas-
sava sempre por lá de casaca verde, amava ...

MARIQUINHA- Com êcêito ! E amavas a todos ?

CECÍLIA - Pois então ?

MARIQUINHA - Tens um belo cora ção de estalagem !

CECÍLIA - Ora, isto não é nada !

MARIQUINHA- Não é nada ?

CECÍLIA - Não. Agora tenho mais namorados que nunca. Tenho dois milita-
res, um empregado do Tesouro, e cavalo rabão ...

MARIQUINHA- Cavalo rabão ?

CECÍLIA - Sim, um que anda num cavalo rabão.

MARIQUINHA- Ah !

CECÍLIA - Tenho mais outros dois que não conheço.

MARIQUINHA- Pois também namoras a quem não conheces ?

CECÍLIA - Pra namorar não é preciso conhecer. Você quer ver a carta que
um desses dois mandou-me mesmo quando estava-me vestindo para
sair ?

MARIQUINHA- (DEFINITIVA) Não mesmo.

MARIQUINHA - A do cavalo rabão a gente ainda aguenta porque tem sua graça
... Mas repetir uma carta inteira ... Quem quiser saber o con-
teúdo da carta, remember "Judas em Sábado de Aleluia", cena I.

MARIQUINHA- Mas dize-me, Cecília, para que tem você tantos namorados ?

CECÍLIA - Para que ? Eu te digo: para ver se de tantos eu consigo duas
coisas, divertir-me e ver se algum cáí.

MARIQUINHA- Mau cálculo. Quando se sabe que uma moça dá com os olhos, to-
dos brincam e todos ...

CECÍLIA - Acaba.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARIQUINHA- E todos a desprezam.

CECÍLIA - Desprezam ! Pois não. Só se é alguma tôla e dá logo a perceber que tem muitos namorados. Cada um dos meus supõe-se o único na minha afeição.

MARIQUINHA- Tens habilidade.

CECÍLIA - É tão bom estar-se à janela, vendo-os passar um atrás do outro como os soldados q ue passam em continência. Um aceno para um, uma tossezinha para outro, um sorriso, um escárnio, e lá vão eles tão contentezinhos ...

FELÍCIO - (ENTRANDO) Perdi-o de vista.

CECÍLIA - Ai, que susto me deu, o Sr. Felício!

FELÍCIO - Muito sinto que ...

CECÍLIA - Não faz mal. Se to dos os meus sustos fossem como este, não se me dava de estar sempre assustada.

FELÍCIO - E eu não me daria de causar, não digo susto, mas surpresa a pessoa tão amável e bela como a senhora Dona Cecília.

CECÍLIA - Não manguete comigo, ora veja !

MÁQUINA - Já ela está a namora o primo. É insuportável !

MARIQUINHA- Primo ?

FELÍCIO - Primiinha ?

MARIQUINHA- Aquilo ?

FELÍCIO - Vai bem .

CECÍLIA - O que é ?

MARIQUINHA- Uma coisa ...

CENA V CLEMÊNCIA, EUPRÁSIA, JOÃO, CECÍLIA E MARIQUINHA

EUPRÁSIA - Quem já vai adiantado é o Juca; ainda ontem o João comprou-lhe um livro de fábula. s

CLEMÊNCIA - As mestras da Júlia estão muito contentes com ela. Está muito adiantada. gale francês e daqui a dois dias não sabe mais falar português.

MÁQUINA - Mas que graça ! Belo adiantamento !

JOÃO - (PARA EUPRÁSIA) Senhora, são horas de nos irmos.

CLEMÊNCIA - Já ?

JOÃO - É tarde.

EUPRÁSIA - Adeus, comadre, qualquer dia destes virei cá ... Da. Mariquinha, adeus.

MARIQUINHA- Passe bem. Cecília, até quando ?

CECÍLIA - Até nos encontrarmos. Adeus.

EUPRÁSIA - (PARA CLEMÊNCIA) Não se esqueça daquilo.

CLEMÊNCIA - Não.



- JOÃO - (PARA CLEMÊNCIA) Comadre, boas noites.
- CLEMÊNCIA - Boas noites, compadre.
- EUFRÁSIA E CECÍLIA - Adeus ! Adeus ! Até sempre.
- EUFRÁSIA - Mande o vestido pela Joana.
- CLEMÊNCIA - Sim. Mas quer um só ou todos os dois ?
- EUFRÁSIA - Basta um.
- CLEMÊNCIA - Pois sim.
- CECÍLIA - (PARA MARIQUINHA) Você também mande-me o das mangas. Mamã, não era melhor fazer o vestido de mangas juntas ?
- EUFRÁSIA - Faze como quiseres.
- JOÃO - Deixem isto para outra ocasião e vamos, que é tarde.
- EUFRÁSIA - Já vamos, já vamos. Adeus, minha gente, adeus.
- CECÍLIA - (PARA MARIQUINHA) O livro que te prometí mando amanhã.
- MARIQUINHA - Sim
- CECÍLIA - Adeus. Boas noites, Sr. Felício.
- EUFRÁSIA - Você sabe ? Nenhuma das sementes pegou.
- CLEMÊNCIA - É que não soube plantar.
- EUFRÁSIA - Qual ! Não eram boas.
- CLEMÊNCIA - Da mesma as colhi.
- CECÍLIA - Se você ver Da. Luiza, dê lembranças.
- EUFRÁSIA - Mande outras.
- CECÍLIA - Talvez possa vir amanhã.
- JOÃO - Então, vamos ou não vamos ?
- CLEMÊNCIA - Já vão. Já vão.
- EUFRÁSIA - Espere um bocadinho.
- MÁQUINA - Não se pode aturar senhoras.
- EUFRÁSIA - Adeus, comadre, o João quer ir-se embora. Talvez venham cá os Reis.
- CECÍLIA - É verdade ...
- JOÃO - Ainda não basta ?
- EUFRÁSIA - Que impertinência ! Adeus ! Adeus !
- CLEMÊNCIA E MARIQUINHA - ADEUS ! Adeus !
- EUFRÁSIA - Quando quiser, mande a abóbora para fazer o doce.
- CLEMÊNCIA - Pois sim, quando estiver madura lá mando e ...
- JOÃO - Ainda não vai desta, irra !
- MÁQUINA - É verdade ...

CECÍLIA - (PARA MARIQUINHA) Esqueci de te mostrar meu chapéu.

CLEMÊNCIA - Não bota cravo.

EUFRÁSIA - Pois sim, tenho uma receita.

MARIQUINHA - Não, teu pai está zangado.

CLEMÊNCIA - Com flor de laranja.

EUFRÁSIA - Sim.

JOÃO - É demais!

MÁQUINA - Calma, moço.

CECÍLIA - Mande para eu ver.

MARIQUINHA - Sim.

EUFRÁSIA - Que o açúcar seja bom.

CECÍLIA - E outras coisas novas.

CLEMÊNCIA - É muito bom.

EUFRÁSIA - Está bem, adeus. Não se esqueça.

CLEMÊNCIA - Não.

CECÍLIA - Enquanto a Vitoriana está lá em casa.

MARIQUINHA - Conta bem.

JOÃO - Eu vou saindo. Boas noites. (À PARTE) Irra!

CLEMÊNCIA - Boas noites, são João!

TODOS - Adeus, adeus, adeus!

JOÃO - Enfim! (SAEM EUFRÁSIA, CECÍLIA, JOÃO, CLEMÊNCIA E MARIQUINHA FICAM À PORTA; FELÍCIO ACOMPANHA AS VISITAS)

CLEMÊNCIA - (DA PORTA) Adeus!

EUFRÁSIA - (DENTRO) Toma sentido nos Reis pra me contar.

CLEMÊNCIA - (DA PORTA) Hei de tomar bem sentido.

CECÍLIA - (DE DENTRO) Adeus, bem! Mariquinha?

MARIQUINHA - Adeus!

CLEMÊNCIA - (DA PORTA) O' comadre, manda o Juca amanhã que é domingo.

EUFRÁSIA - (DENTRO) Pode ser. Adeus.

MÁQUINA - E se retiram as senhoras, alegres e felizes. (SILÊNCIO)

CELA VI CLEMÊNCIA, FELÍCIO, NEGREIRO
(ENTRA NEGREIRO, ACOMPANHADO DE UM PRÊTO DE GANHO COM UM CÊSTO À CABEÇA,
COBERTO POR UM COBERTOR DE BAPTA)

NEGREIRO - Boas noites.

CLEMÊNCIA - Oh, pois voltou? O que traz com este prêto?

NEGREIRO - Um presente que lhe ofereço-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- CLEMÊNCIA - Vejamos o que é.
- NEGREIRO - Uma insignificância ... Arreia, pai ! (NEGREIRO AJUDA AO PRÊTO A BOTAR O CESTO NO CHÃO, CLEMÊNCIA E MARIQUINHA CHEGAM-SE PARA JUNTO DO CESTO, DE MODO PORÉM QUE ESTE FICA À VISTA DO PÚBLICO)
- CLEMÊNCIA - Descubra (NEGREIRO DESCOBRE O CESTO E DÊLE LEVANTA-SE UM MOLEQUE DE TANGA E CARAPUÇA ENCARNADA, O QUAL FICA EM PÉ DENTRO DO CESTO) Ó gentes !
- MARIQUINHA- (AO MESMO TEMPO) oh !
- FELÍCIO - (AO MESMO TEMPO) Um meia cara !
- NEGREIRO - Então, hem ? (PARA O MOLEQUE) Quenda, quenda ! (PUXA O MOLEQUE PARA FORA)
- CLEMÊNCIA - Como é bonitinho !
- NEGREIRO - Ah, eh !
- MÁQUINA - Boa lembrança ! (RECAMINANDO O MOLEQUE) Está gordinho ... bons dentes ...
- NEGREIRO - (À PARTE COM CLEMÊNCIA) É dos desembarcados ontem no Bota-ogo.
- CLEMÊNCIA - Ah ! fico-lhe muito obrigada.
- NEGREIRO - (PARA MARIQUINHA) Há de ser seu pajem.
- MARIQUINHA- Não preciso de pajem.
- CLEMÊNCIA - Então, Mariquinha ?
- NEGREIRO - Está bom, trar-lhe-ei uma mocamba.
- CLEMÊNCIA - Tantos obséquios ... Dá licença que o leve para dentro ?
- NEGREIRO - Pois não, é seu.
- CLEMÊNCIA - Mariquinha, vem cá. Já volto. SAI CLEMÊNCIA LEVANDO PELA MÃO O MOLEQUE E MARIQUINHA)
- NEGREIRO - (PARA O PRÊTO DE GANHO) Toma lá. (DÁ-LHE DINHEIRO. O PRÊTO TOMA O DINHEIRO E FICA ALGUM TEMPO OLHANDO PARA ELE) Então, acha pouco ?
- MÁQUINA - Eh, eh, pouco ... carga pesada ...
- NEGREIRO - (AMBAJANDO) Salta já daqui, tratante ! (EMPURRA-O) Pouco, pouco ! Salta ! (EMPURRA-O PELA PORTA A FORA)
- MÁQUINA - Sim, empurra o pobre prêto que eu também te empurrarei sobre alguém ...
- NEGREIRO - (VOLTANDO) Acha um vintém pouco !
- FELÍCIO - Sr. Negreiro ...
- NEGREIRO - Meu caro senhor ?
- FELÍCIO - Tenho uma coisa a lhe comunicar, com a condição de que o senhor não há de se alterar.
- NEGREIRO - Vejamos.
- FELÍCIO - A simpatia que pelo senhor sinto é que me faz calar ...



NEGREIRO - Adiante, adiante, ...

FELÍCIO - (À PARTE) Espera que eu te ensino, grosseirão. (PARA NEGREIRO) O Sr. Gainer, que há pouco saiu, disse-me que ia ao Juiz de Paz denunciar os meias-caras que o senhor tem em casa e ao comandante do bri que inglês Wizart, os seus navios que espera todos os dias.

NEGREIRO - Que ? Denunciar-me, aquêlê patife ? Velhaco-mór ! Denunciar-me ? Oh, não que eu me importe com a denúncia ao Juiz de Paz, com êste eu cá me entendo. Mas é patifaria, dessa-ôro !

FELÍCIO - Não sei porque êl e tem tanta raiva do senhor.

NEGREIRO - Por que ? Porque eu digo em tôda parte que êle é um especulador velhaco e velhacão ! Oh, inglês do diabo, se eu te pilho ! Inglês de um dardo !

MÁQUINA - Que se comam as peras.

CENA VII ENTRE GAINER APRESSADO

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

GAINER - (ENTRANDO) Darda tu, patife !

NEGREIRO - Oh !

GAINER - (TIRANDO APRESSADO A GASACA) Agora me paga !

FELÍCIO - (À PARTE) Temos touros !

NEGREIRO - (INDO PARA GAINER) Espera, goddam dos quinhentos !

GAINER - (INDO PARA NEGREIRO) Meia-cara ! (GAINER E NEGREIRO BRIGAM AOS SÓCOS. GAINER GRITANDO CONTINUAMENTE: MEIA-GARA, PATIFÁ, GODDAM E NEGREIRO: VELHACO, TRATANTE; FELÍCIO RI-SE, DE MODO PORÉM QUE OS DOIS NÃO PRESSINTAM. OS DOIS CAEM NO CHÃO E ROLAM, BRIGANDO SEMPRE)

MÁQUINA - Bravo, campeões ! Belo sôco ! Assim, inglêsinho ! Bravo, Negreiro ! Lá caem ... Como estão zangados !

ENTRAM CLEMÊNCIA E MARIQUINH A

FELÍCIO - (VENDO-AS ENTRAR) Senhores, acomodem-se ! (PROCURA APARTÁ-LOS)

CLEMÊNCIA - Então, o que é isto, senhores ? Contendas em minha casa ?

FELÍCIO - Sr. Negreiro, aco mode-se ! (OS DOIS LEVANTAM-SE E PALAM AO MESMO TEMPO)

NEGREIRO - Êste yes do diabo ...

GAINER - Negreira atrevida ...

NEGREIRO - ... teve a pouca vergonha ...

GAINER - ... chama a mim ...

NEGREIRO - ... de denunciar-me ...

GAINER - ... velhaca ...

MÁQUINA - Senhores !

CLEMÊNCIA - Pelo amor de Deus, sosseguem !

NEGREIRO - (ANIMANDO-SE) Ainda não estou em mim ...

GAINER - Inglês não sofre ...



- NEGREIRO - Quase que o mato !
- GAINER - Goddam ! (QUER IR CONTRA NEGREIRO, CLEMÊNCIA E FELÍCIO APARTAM)
- CLEMÊNCIA - Sr. Mister, Sr. Ne greiro !
- NEGREIRO - Se não fôsse a sen hora, havia de ensinar-te, yes do diabo !
- CLEMÊNCIA - Basta, basta !
- GAINER - Tu vai embora, não quer ver mais nas minhas olhas êste homem. (SÁI, ARREBATADAMENTE, VESTINDO A CASACA)
- NEGREIRO - (PARA CLEMÊNCIA) paz-me o favor. (LEVA-A PARA O LADO) A senhora sabe quais são as minhas intenções nesta casa a respeito de sua filha, mas como creio que êste maldito inglês tem as mesmas intenções ...
- CLEMÊNCIA - As mesmas intenções ?
- NEGREIRO - Sim senhora, pois julgo que pretende também casar com sua filha.
- CLEMÊNCIA - Pois é da Mariquinha que êle gosta ?
- NEGREIRO - Pois não nota a sua assiduidade ?
- CLEMÊNCIA - (À PARTE) E eu que pensava que era por mim !
- NEGREIRO - É tempo de decidir: ou êle ou eu.
- CLEMÊNCIA - Êle casar-se com Mariquinha ? É o que faltava !
- NEGREIRO - É quanto pretendia saber. Conceda que vá mudar de roupa, e já volto para assentarmos o negócio. Tu volto. (SÁI)
- CLEMÊNCIA - (À PARTE) Era dela que êle gostava ! E eu então ? (PARA MARIQUINHA) O que estão vocês aí, bisbilhotando ? As filhas não fazem caso das mães, neste tempo ! Pra dentro, pra dentro !
- MARIQUINHA - (ESPANTADA) Mas, mamã ...
- CLEMÊNCIA - (MAIS ZANGADA) Ainda por cima responde ! Pra dentro ! (CLEMÊNCIA EMPURRA MARIQUINHA PRA DENTRO, QUE VAI CHORANDO)
- FELÍCIO - Que diabo quer isto o dizer ? O que diria êle à minha tia para indispor-la deste modo contra a prima ? O que será ? Ela me dirá. (SÁI ATRÁS DE CLEMÊNCIA)
- MÁQUINA - Psiu ! Sr. Negreiro ! Não lhe viram. Espere. Quem sabe não dão informações mais miúdas a respeito da denúncia que o tal patife deu ao cruzeiro inglês dos navios que espera ! Quem sabe isso não é coisa do ... Mas vem gente ! Se o senhor se escondesse, talvez pudesse ouvir... Dizem que é feio ... Mas o que importa ? Primeiro o seu dinheiro, em suma.
- CENA VIII ENTRA CLEMÊNCIA
- CLEMÊNCIA - É preciso que isto se decida. O' la de dentro ! José ?
- UMA VOZ - (DENTRO) Senhora !
- CLEMÊNCIA - Vem cá. A quanto estão as mulheres sujeitas ! (ENTRA JOSÉ, CLEMÊNCIA DÁ-LHE UMA CARTA) Vai à casa do Sr. Gainer, aquêle inglês, e entrega-lhe esta carta (SÁI O PAJEM. NEGREIRO, DURANTE TODA ESTA CENA E A SEQUINTE, OBSERVA, ESPLANDO)
- NEGREIRO - (À PARTE) Uma carta para o inglês !

- CLEMÊNCIA - (PASSEANDO) Ou com êle, ou com nenhum mais .
- NEGREIRO - Ah, o caso é êste !
- CLEMÊNCIA - Estou bem certa q ue êle fará a felicidade de uma mulher.
- NEGREIRO - (À PARTE) Muito bom, muito bom !
- CLEMÊNCIA - (NO MESMO) O máu foi êle brigar com o Negreiro.
- NEGREIRO - (À PARTE) E o pior é eu não lhe quebrar a cara ...
- CLEMÊNCIA - Mas não devo hesi tar; se for necessário, fecharei minha porta ao Negreiro.
- NEGREIRO - Muito obrigado.
- CLEMÊNCIA - Êle se-há de zangar.
- NEGREIRO - Pudera, não ! E depois de dar um moleque que podia vender por duzentos mil-réis ...
- CLEMÊNCIA - (NO MESMO) Mas que importa ? É preciso pôr meus negócios em ordem, e só êle é capaz de os arranjar depois de se casar comigo.
- NEGREIRO - (À PARTE) Hein? Como é lá isso ? Ah !
- CLEMÊNCIA - Há dous anos que meu marido foi morto no Rio Grande pelos rebeldes, indo lá liquidar umas contas. Deus tenha sua alma em glória! Ainda estou moça. Tem me feito uma falta que só eu sei ! Tôdas as vêzes que me lembro do defunto vem-me lágrimas aos olhos... Mas se êl e não quiser ?
- NEGREIRO - (À PARTE) Se o defunto não quiser ?
- CLEMÊNCIA - Mas não, com a fortuna que tenho e mais alguns atrativos que possúo, seja dito sem vaidades, podem vencer maiores impossíveis Meu pobre e defunto marido ! (CHORA) Vou fazer minha toilette. (SAI)
- MÁQUINA - E então ? Que tal a viúva ? (ARREMEDANDO A VOZ DE CLEMÊNCIA) Meu pobre e defunto marido... Vou fazer minha toilette. Não é má ! Chora por um e encheita-se para outro. Estas viúvas ! Bem diz-o ditado que viúva rica por um ôlho chora e por outro repica. Vem gente ... Sera o inglês ? (ESCONDE-SE)
- CENA IX
NEGREIRO, ALBERTO, MÁQUINA, FELÍCIO, MARIQUINHA E CLEMÊNCIA
- ALBERTO - Eis-me depois de dois anos de privações e miséria restituído ao seio de minha família !
- MÁQUINA - O defunto !
- ALBERTO - Minha mulher e mi nha filha ainda se lembrarão de mim ? Serão elas felizes, ou como eu experimentarão os rigores do infortúnio ? Há apenas duas horas que desembarquei, chegando dessa malhadada província aonde dois anos estive prisioneiro. Lá os rebeldes me detiveram, porque julgavam que eu era um espião . Minhas cartas para minha família foram interceptadas e minha mulher talvez me julgue morto... Dois anos; que mudanças terão trazido consigo ? Cruel ansiedade ! Nada indaguei, quis tudo ver com meus próprios olhos... É esta a minha casa, mas estes móveis não conheço... Mais ricos e suntuosos são do que aquêles que deixei. Oh, terá também minha mulher mudado ? Sinto -pa passos... Ocultem o-nos... Sinto-me ansioso de temor e alegria. Meu Deus!
- MÁQUINA - Oh, diabo ! Ei-los juntos !

- ALBERTO - Um homem ! Um homem escondido em minha casa !
- NEGREIRO - (APARECENDO) Senhor !
- ALBERTO - Quem és tu ? Responde ! (AGARRA-O)
- NEGREIRO - Eu ? Pois não me conhece, Sr. Alberto ? Sou Negreiro, seu amigo ... Não me conhece ?
- ALBERTO - Negreiro ... sim... Mas meu amigo, e escondido em casa de minha mulher ?
- NEGREIRO - Sim senhor, sim senhor, por ser seu amigo é que estava escondido em casa de sua mulher.
- ALBERTO - AGARRANDO-O PELO PESCOÇO) Inrame !
- NEGREIRO - Não me aogue ! Olhe que eu grito !
- ALBERTO - Dize, por que te escondias ?
- NEGREIRO - Já lhe disse que por ser seu verdadeiro amigo ... Não aperte que não posso, e então também dou como um cego, em suma.
- ALBERTO - Desculpa-te se podes, ou treme ...
- NEGREIRO - Agora sim... Vá o uindo.
- MÁQUINA - Assim sara-se da concusão e livra-se do inglesinho ...
- NEGREIRO - Sua mulher é uma traidora !
- ALBERTO - Traidora ?
- NEGREIRO - Traidora, sim, pois não tendo certeza de sua morte, tratava já de casar-se.
- ALBERTO - Ela casar-se ? Tu mentes !
- NEGREIRO - Olhe que perco a paciência... Que diabo ! Por ser seu amigo e vigiar sua mulher agarra-me deste modo ? Tenha propósito ou eu ... Cuida que é m entira ? Pois esconda-se um instante comigo e verá.
- MÁQUINA - Não está má a ressurreição ! Que surpresa para a mulher ! Ah, inglesinho, agora me pagarás !
- ALBERTO - (PEGA NEGREIRO PELO BRAÇO) Vinde... Tremei, porém, se sois um caluniador. Vinde. !
- MÁQUINA - A tempo se esconderam, alguém se aproxima !
- ENTRAM FELÍCIO E MARIQUINHA
- ALBERTO - Minha filha !
- FELÍCIO - Se tivesses coragem de dizer a tua mãe que nunca te casará com o Gainer ou com o Negreiro ...
- NEGREIRO - Obrigado !
- MARIQUINHA- Jamais o ousarei !
- FELÍCIO - Pois bem, se não ousas dizer, fujamos.
- MARIQUINHA- Oh, não, não !
- CLEMÊNCIA - (DE DENTRO) Mariquinha ?
- MARIQUINHA- Adeus ! Nunca pensei que você me fizesse semelhante proposição!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- FELÍCIO - Perdoa, perdoa me u amor !
 MARIQUINHA- Felício !
 CLEMÊNCIA - (DENTRO) Mariquinha ?
 MARIQUINHA- Senhora ? Eu te rogo, não me faças mais desgraçada !
 CLEMÊNCIA - (DENTRO) Mariquinha, não ouves ?
 MARIQUINHA- Já vou, minha mãe. Não é verdade que estavas brincando ?
 FELÍCIO - Sim, sim estava. Vai descansada.
 MARIQUINHA- Eu creio em tua p alevra (SÁI APRESSADA)
 MÁQUINA - Vamos ver a qual dos dois ficará ela pertencendo ... O que
 ser terá que se y er com Felício, e ela esposará o que a
 morte poupar ! São dez horas. Amanhã se decidirá sua sorte.
 ALBERTO - Oh, minha ausência , minha ausência !
 NEGREIRO - A mim não me materás ! Sapa, em suma .
 ALBERTO - A que cenas vim eu assistir em minha casa !
 NEGREIRO - E que direi eu ? Que tal o menino ?
 ALBERTO - Clemência, Clemência, assim conservavas tú a honra de nossa
 família? Mas o senhor pretendia casar-se com minha filha ?
 NEGREIRO - Sim senhor, e creio que não sou um máu partido; porém já de
 sisto, em suma e ... Caluda, caluda !
 ALBERTO - Minha mulher Clemência !
 MÁQUINA - Não é uma graça ?
 NEGREIRO - Fique quieto.
 CLEMÊNCIA - Ai, já é tarde ... Este vestido me vai bem ... Estou com meus
 receios... Tenho a cabeça ardendo de alguns cabelos brancos
 que arranquei... Não sei o que sinto, tenho umas lembranças
 do meu defunto .. . É verdade que já estava velho.
 MÁQUINA - Olhe, chama-o de unto e velho !
 CLEMÊNCIA - Sobem as escadas !
 NEGREIRO - Que petisco para o marido ! E casai-vos !
 CLEMÊNCIA - É êle !
 CENA X GAINER, CLEMÊNCIA, NEGREIRO E ALBERTO
 GAINER - Dá licença ? Sua criado ... Muito obrigada.
 MÁQUINA - Não há de quê.
 CLEMÊNCIA - O senhor... eu su punha ... porém ... eu ... Não quer se as -
 sentar ?
 GAINER - Eu recebe uma carta para vir trata de uma negócia.
 CLEMÊNCIA - Piada em sua bondade ...
 GAINER - Oh, meu bondade ... obrigada.
 CLEMÊNCIA - O Sr. Mister bem sabe que ...



- MÁQUINA - Não sabe o que lhe diga, hein ?
- GAINER - O que é que eu sabe ?
- CLEMÊNCIA - Talvez que não ignore que pela sentida morte de meu defunto ... (FINGE QUE CHORA)
- MÁQUINA - Nem tão sentida, nem tão defunto ...
- CLEMÊNCIA - ... fiquei senhora de uma boa fortuna.
- GAINER - Boa fortuna é bom.
- CLEMÊNCIA - Logo que estive certa da sua morte, fiz inventário, porque me ficavam duas filhas menores; assim me aconselhou um doutor de São Paulo. Continuei por minha conta o negócio do defunto; porém o Sr. Mister bem sabe que numa casa sem homem tudo vai para trás. Os caixeiros mangam, os corretores roubam; enfim, se isto durar mais tempo, dou-me por quebrada.
- GAINER - Este é mau, quebrada é mau.
- CLEMÊNCIA - Se eu tivesse porém uma pessoa hábil e diligente que se pusesse à testa de minha casa, estou bem certa que ela teria outro rumo.
- GAINER - It is true.
- CLEMÊNCIA - Eu podia, como muitas pessoas me têm aconselhado, tomar um administrador, mas temo muito dar este passo. O mundo havia de ter logo que dizer, e minha reputação antes de tudo.
- GAINER - Reputation, yes.
- CLEMÊNCIA - E além disso tenho uma filha já mulher. Assim, o único remédio que me resta é casar.
- GAINER - Oh, yes ! Casar Miss Mariquinha, depois tem uma genra para toda a conta na casa.
- CLEMÊNCIA - Não é isto que lhe digo.
- GAINER - Então mim não entende português.
- MÁQUINA - O que é, aliás, bastante explicável ...
- CLEMÊNCIA - Digo que é preciso que eu, eu me case.
- GAINER - Oh, by God ! By God !
- CLEMÊNCIA - De que se espanta ? Estou eu tão velha que não possa casar ?
- GAINER - Mi não diz isso... Eu pensa na home que será seu marido.
- CLEMÊNCIA - Bem... A única coisa que me embaraça é a escolha. Eu ... As boas qualidades ... Há muito que o conheço, e eu ... sim ... não se pode ... e o estado deve ser considerado, e ora ... Por que hei-de eu ter vergonha de dizer ? ... Sr. Gainer, eu tenho escolhido para meu marido; se o há de ser de minha filha, seja meu
- GAINER - Mim aceita, mim aceita !
- (ALBERTO APARECE E AGARRA GAINER PELA GARGANTA)
- CLEMÊNCIA - O defunto, o defunto ! (DESMAIA)
- GAINER - Goddam ! Assassina !

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- ALBERTO - Tu é que me assassinas!
- GAINER - Ladrão !
- MEGREIRO - Toma lá, inglesinho !
- ALBERTO - Tu e aquêlê inçame ...
- MÁQUINA - Dá por mim também !
- CENA XI MARIQUINHA E FELÍCIO
- MARIQUINHA- O que é isto ? Meu pai ! Minha mãe ! Minha mãe !
- ALBERTO - Mulher infiel ! Há dois anos de tudo te esqueceste ! Ainda não tinhas certeza da minha morte e já te entregavas a outem ? Adeus, e nunca mais te verei (MARIQUINHA LANÇA-SE A SEUS PÉS)
- MARIQUINHA- Meu pai, meu pai !
- ALBERTO - Deixa-me, deixa-me ! Adeus !
- FELÍCIO - (ENTRANDO) Que vejo ? Meu tio ! Sois vós ?
- MÁQUINA - Não tá vendo logo que é o fulano ?
- FELÍCIO - Não anarquiza agora que já tá quase no fim.
- ALBERTO - Sim, é teu tio, qu e veio encontrar sua casa perdida e sua mulher infiel !
- GAINER - Sua mulher ! Tudo está perdida !
- ALBERTO - Fugamos desta casa !
- FELÍCIO - Senhor ! Meu tio !
- MÁQUINA - (CANTANDO) O' de c asa, nobre gente,
Escutai e ouvireis
Que da parte do Oriente
São chegados os Três Reis.
- FELÍCIO - Assim quereis abandonar-nos, meu tio ?
- MARIQUINHA- Meu pai !
- FELÍCIO - Que será de vossa mulher e de vossa filha ? Abandonadas por vós, todos as desprezarão ...
- MÁQUINA - Que horrível futuro para vossa inocente filha ! Esta gente que não tarda a entrar espalhará por toda a cidade a notícia de seu desamparo.
- ALBERTO - Minha filha !
- GAINER - Mim perde muito co m isto , e vai embora !
- CLEMÊNCIA - Alberto !
- ALBERTO - Mulher ! Agradece a tua filha... estás perdoada... Longe de mi nha vista este inçame ... Onde está êle ?
- MEGREIRO - Foi-se, mas em suma, deixou penhor.
- ALBERTO - Que nunca mais me apareça ! Tudo ouvi junto com o senhor e vossa honra exige que de hoje a oito dias este jáis casados.
- FELÍCIO - Feliz de mim.



NEGREIRO - Em suma, fiquei mamado e sem o dote ...

MÁQUINA - Em nome de meus companheiros pedimos à senhora Dona Clemência a permissão de cantarmos os Reis em sua casa.

CLEMÊNCIA - Pois não. Com muito gosto.

MÁQUINA - A comissão agradece. (CANTA)

No céu brilhava uma estrela,
Que a Três Magos conduzia -
Para o berço onde nasceu
Nosso concerto e Alegria

Puros votos de amizade,
Boas festas e Bons Reis
Em nome do Rei nascido
Vos pedimos que aceiteis.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

EPILOGO -

MÁQUINA - Tudo tomou seu lugar, depois que a banda passou ...

PAIO

